



INEZITA BARROSO
sobre música popular
reportagem de
EGÍDIO SQUEFF
PÁG. 7

Reportagem com
SERGIO CARDOSO
de
HERMILO BORBA FILHO
PÁG. 12



DI CAVALCANTI,
notável fenômeno da
pintura

LEIA
Reportagem sobre a
BIENAL DE VENEZA
PÁG. 4



Gravuras de **CARLOS SCLiar**

Artigo de
VINICIUS DE MORAES
PÁG. 5



"SONETILHOS" de Augusto Meyer

Ilustrações de **VASCO PRADO**
NA PÁG. 11

para todos

Fundador — **ALVARO MOREYRA** Diretor — **JORGE AMADO**
Ano I — N.º 5 — Rio-São Paulo — 2.ª Quinzena de Julho de 1956 — Preço Cr\$ 5,00

De Filippo no Brasil

O grande ator fala a PARA TODOS

Reportagem de **LUIZ GIOVANNINI**
NINGUÉM poderá negar que Peppino De Filippo, no Teatro é também ator cômico de primeira plana, integrante daquela vanguarda da qual fazem parte Aldo Fabrizi, Totò, Busceti e Macário. Procura a força e o estímulo de seu teatro no seio do próprio povo, que lhe fornece, também, a matéria psicológica para a composição de seus humaníssimos tipos. E graças ao cinema, meio de propaganda dos mais eficazes, conseguiu tornar-se conhecido em todo o mundo. Preocupado principalmente em fazer o público rir, seu teatro apresenta somente comédias simples, engraçadas; é um teatro linear, diretamente orientado para o público mais amplo, isento de teorias esteticistas. E dentro desta conceitualização opular deve ser situado, não por limitação, mas por convicções próprias, adquiridas por Peppino ao sabor da luta cotidiana, nos palcos de todos os teatros da Itália.

Peppino De Filippo nasceu em Nápoles, nos primórdios do século, e começou a fazer teatro aos seis anos de idade; partiel-

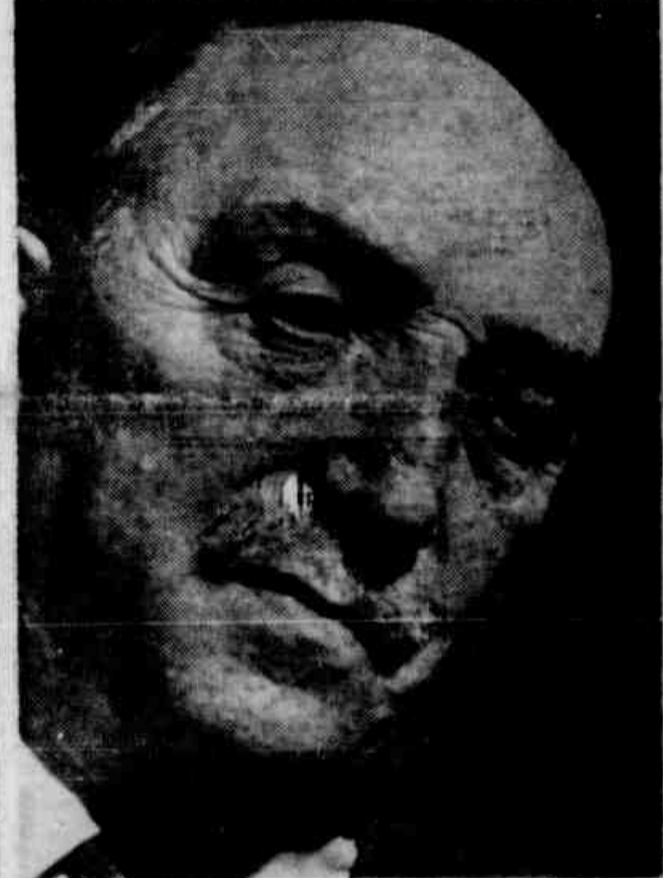


De Filippo com Luiz Giovannini, em São Paulo

- Neste número**
- R. MAGALHÃES JUNIOR
 - AFONSO SCHMIDT
 - ALVARO MOREYRA
 - DIAS DA COSTA
 - MICÉIO TATI
 - MARIO SCHEMBERG
 - IBIAPABA MARTINS
 - JOAQUIM CARDOZO
 - ILYA EHREMBURG
 - JULIO GOUVEIA
 - EDISON CARNEIRO
 - JORGE ZALAMEIA
 - CAVALHEIRO LIMA
 - PAULO MENDES CAMPO:
 - GEIR CAMPOS
 - ANTONIETA DIAS DE MORAES
 - AGUIAR NETO
 - JORIS IVENS
 - ALCIDES ROCHA
 - MIRANDA
 - ZIEMBINSKY
 - GIANNI RATTO
 - SANTOS MORAES
 - RUGGERO JACOBBI
 - ALEX VIANI
 - MAURICIO VINHAS
 - FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA
- Barão de Itararé
- ILUSTRAÇÕES DE
- LAZAR SEGALL
 - DARCY PENTEADO
 - POTY LAZAROTTO
 - OTAVIO ARAUJO
 - RACHEL
 - O. ANDRADE FILHO
 - PACHECO

O PARTO SEM DOR abre novos rumos à ciência

IRA MODIFICAR-SE A CONDIÇÃO DA MULHER NO MUNDO



Professor Lamaze

INTEIRO. DECLARAÇÕES DO GRANDE OBSTETRA FRANCÊS

DR. FERNAND LAMAZE, I

TRODUTOR DO PARTO SEM DOR NO OCIDENTE
1.ª de uma série de três reportagens de **VINICIUS DE MORAES**

A oportunidade de entrevistar o Dr. Fernand Lamaze, mesmo durante o curto tempo de uma viagem de avião até São Paulo, foi-me extremamente grata. Quando cheguei ao Aeroporto Santos Dumont, ele já ali se encontrava, a mirar as coisas em torno com aqueles olhos de um azul profundo e grave. Gostei de que me tivesse reconhecido, depois de quatro anos passados.

Conhecera-o em Paris, em 1952, quando, durante umas andanças minhas pela Europa, minha mulher declarou-se grávida. Uma tarde, num bate-papo com o ator Daniel Gélin, perguntei-lhe se me podia aconselhar um bom médico-parteiro.

— O Dr. Lamaze, "naturellement", A metade de Paris nasceu com ele. Eu inclusive...

Fomos visitá-lo e fui tomado de saudades de profunda simpatia pelo seu grande rosto retangular, onde se poderia ler, como numa antiga inscrição rupestre, lições de milenar sabedoria. Pena que, por contingências de minha viagem, não pudesse ir até o fim com o velho "accoucheur" francês; mas é curioso que nada tivesse me dito então sobre o método psicoprofilático do parto sem dor, de que foi o introdutor na Europa ocidental —

provavelmente por questões de consciência profissional, pois a coisa andava ainda em estágio experimental.

Seu "currículum" é impressionante. Quando lhe perguntei quantos partos já tinha feito em sua vida, sorriu com os olhos.

— Não sei. Perdi a conta. Milhares... Milhares...

Mas foi impossível entrevistá-lo no avião, com o barulho dos motores. Quando descemos em São Paulo, após foi, como convidado especial, tomar parte na I Conferência Brasileira sobre o Parto sem Dor (6 e 7 de julho) — me disse:

— No hotel falaremos com mais calma.

Meia hora depois tomava as notas que constituem o texto desta entrevista; notas que todos, sobretudo as mulheres, deveriam ler com a maior atenção e reflexão, pois constituem o testemunho do introdutor do método (Conclui na 14.ª página)



Cassiano Ricardo

CASSIANO RICARDO opina sobre OS ESCRITORES, A POESIA E A PAZ

Proseguindo no inquérito que vem realizando entre grandes figuras da literatura brasileira, **PARA TODOS** dirigiu uma série de perguntas, relativas aos problemas de nossa poesia e do intercâmbio cultural, ao poeta **Cassiano Ricardo**, membro da Academia Brasileira de Letras, um dos chefes do movimento modernista no Brasil, participante da Semana de Arte Moderna, de 1922, poeta dos mais importantes de sua geração. Transcrevemos a seguir as respostas do ilustre escritor.

— Quais, na sua opinião, as tendências mais importantes da atual poesia brasileira?

— Acompanho vivamente interessado a obra admirável dos jo-

vens poetas. Quando na presidência do Clube de Poesia, em São Paulo, lancei mesmo uma coleção de "novíssimos", a primeira editada entre nós.

Não há dúvida que eles, com as suas criações, e mesmo porque juventude já é poesia, estão garantindo e revendo a conquista de 22.

Surgidos já com surpreendente senso crítico, não lhes falta a base necessária para a pesquisa formal em que ora se empenham, em sua maioria. Não se trata, porém, a meu ver, de descoberta de um novo rumo, mas apenas da última fase de uma Semana que, iniciada em 22, se prolonga até hoje.

Ao contrário das outras sema-

(Conclui na 16.ª página)

Pablo Neruda: "Sobre Poesia"

QUE digo eu da poesia? Entendo que se criou a seu respeito uma espécie de mito, um halo fantasmagórico no qual se tem querido envolver a poesia. Isto é muito perigoso para os poetas. Tanto tem se exagerado a crítica, atribuindo à poesia qualidades secretas de sombra e mistério, que os poetas jovens trazem sobre os ombros uma carga fictícia, feita mais de papel que de verdade.

E, afinal de contas, não cabe nenhum exagero: a poesia de hoje deve ter o mesmo sentido de sempre, o de algo que não esteja nunca nem acima nem abaixo do ser humano, que sempre esteve situado à altura do homem. E nisso não há nenhuma novidade.

É natural que peçamos aos leitores de hoje que tenham também esse apetite poético e essa simplicidade de coração indispensáveis a um verdadeiro contato com a poesia.

Meu amigo Ilya Ehrenburg contou-me certa vez, que um dia, ao fazer a apresentação a um auditorio de um jovem poeta muito amado pelas moças de sua terra, recordou que entioque os camponeses recitavam poemas para as vacas que se negavam a ser ordenhadas. E conta a tradição, di-

zia Ehrenburg, que as vacas em contato com a poesia, tornavam-se dóceis. E o escritor terminou a apresentação com sorrisos: "Espero que as moças de hoje tenham tanto bom gosto como aquelas vacas".

Sim, que a poesia sirva até para que as vacas dêem mais leite, mas ao mesmo tempo não perca a intimidade dos seres humanos; não deixe de ser

poesia no seu mais alto, no seu único sentido, sem mistérios e sem fetiche. Penso que é muito mais fácil escrever poesia difícil que poesia fácil.

Digo aos jovens poetas que compreendo seus problemas e sua inclinação pelo obscuro, porque sei que finalmente encontrarão o caminho da simplicidade, o caminho para uma

poesia que, sem prejuízo de sua qualidade, sirva às necessidades interiores do indivíduo e da sociedade. Este é um ideal que não morreu; pelo contrário, permanece como um sentido, senão a própria finalidade da expressão poética.

NA ALMA DA AMERICA

Creio na originalidade americana em matéria de poesia,

e o creio firmemente. Para mim, há uma diferença total na linguagem da moderna poesia ibérica e a americana.

Quando, antes da guerra civil da Espanha, convivi com os poetas daquele país, em sua própria terra, eles me acolheram fraternalmente. Naquela época, meus amigos poetas iam a meditar uma revista. Manoel Altolaguirre, então, ofereceu-me a direção daquele órgão. "Tu és o único, disse-me, que o podes fazer".

Por que me chamaram para a direção da revista? Acaso por que era melhor a minha poesia, porque meu lugar dentro da poesia era mais alto do que o deles? Não. Distinguiram-me porque minha poesia era diferente.

Existe uma constante, uma linha de continuidade que afirma esta expressão da poesia americana. E nesse sentido já existe mesmo uma tradição. Não é necessário citá-los. As influências mais profundas estão na própria terra, não nos livros.

Escrita há tantos séculos, li a antiga poesia dos maias, seu maravilhoso Popol Vuh. Este livro quase mágico, conta a história do homem, tal como os maias e imaginavam.

(Conclui na 14.ª página)



Pablo Neruda num desenho de Totto Salazar



POR QUE NÃO SE CONSTRÓI UM MUSEU DE MOLDAGEM?
Reportagem na página 16

Os gigantes na gaveta-Dinah Silveira de Queiroz—Pág. 6

CARTA DE ANNA SEGHERS AOS ESCRITORES BRASILEIROS—PÁG. 6

CONTOS DE LYGIA FAGUNDES TELLES E SCHOLEM ALEICHEM—PÁG. 8

Eu era mudo e só

Conto de **LYGIA FAGUNDES TELLES**

Ilustração de **DARCY PENTEADO**

ELA sentou-se na minha frente e pôs-se a ler um livro na luz do abajur. Já está preparada para dormir: tem sobre a cama o seu roupão azul, que deixa entrever a ponta da chinelada rosinha azul, e já prendeu os cabelos alourados com um frouco laço de fita também azul. Tudo nela é frouco, harmonioso, inatual.

— Você parece a Grace Kelly, Ela sorri.

— Ah, que idéia. Sorri também. Que idéia, não? Mas bem que ela deixou no resto do vago sorriso no tanto esquerdo da boca. Conecton ninda, quase imperceptivelmente, a posição das mãos. Agora o livro parece flutuar entre seus dedos tipo Glacéa.

Tia Vicença dizia sempre que eu era um sujeito esquisito. "Oh esse seu filho é louco, mana, eu entendo o que não presta mesmo", concluiu sinceramente preocupada com meu fim. Pensa agora como ela ficaria surpreendida se me visse aqui nesta sala que mais parece uma página de uma dessas revistas da arte de decorar, casado, solidamente casado com uma mulher excepcional: quando cozinha, a comida sai uma delícia; quando trabalha, o trabalho parece ter saído das mãos de uma freira; se recita Verhain, que pronuncia e que voz! E se tem filhos caído, fia Valença? A criança sai uma dessas coisas, entendendo? Tudo assim de bom gosto, digno, perfeito.

— No entanto, tia...

— Que foi, meu bem? — Heloisa pergunta sem deixar a atenção do livro.

— Fecho os olhos.

— Acho que gostaria de sair um pouco.

— Para ir aonde?

— "Tomar um chope" eu quis dizer. Mas a pergunta de Heloisa já tinha rasgado ao meio minha vontade, como se rasga um trapo. Se cheguei até à rua, já não teria vontade de tomar chope, já não teria vontade de fazer mais nada. Tudo estaria estragado, perdido. E o melhor ainda seria voltar.

Levanto-me sentindo sobre mim o olhar de Heloisa. Um olhar suave, distraído. Entretanto, mais atento, mais preciso do que a pequena kodake que ela compe prou há alguns anos: "Veja, ela me disse mostrando uma fotografia, essa objetiva é tão milimétrica, que até a sombra da asa da mariposa ela pegou". Assim o olhar que sinto agora sobre mim. E se ele não conseguisse devassar minha expressão, é porque estou de costas.

— E se não vé a sombra das minhas asas, é porque elas foram cortadas.

— Nada, nada. Lembrei-me de um verso só, um verso só, brez asas.

— Ela arqueou ligeiramente as sobrancelhas.

— Engraçado, você não costuma pensar em voz alta.

Acendo um cigarro. Ela sabe o que costumava e o que não costumava fazer. Ela sabe tudo porque é uma esposa perfeita e a esposa perfeita deve até, se possível, adivinhar o pensamento do marido. Emago o cigarro no cinzeiro e mordo o lábio até a dor ficar insuportável. Adivinhar meu pensamento. Sem dúvida ela chegaria um dia a essa perfeição. E nesse ponto, eu estaria tão desfibrado, tão vil, que haveria de chorar lágrimas de ternura quando a visse dar no minha mão o copo digno que pensei em ir buscar.

Abro as janelas e respiro de boca aberta o ar gelado da noite. A solidão das estrelas. Há milhões lá permanecendo elas, só, absolutamente só na imensidão de espaços. "Sei que a solidão é as vezes dura de suportar — Já com eu disse no dia em que lhe anunciei meu noivado. — Mas já estou começando a amá-la. Estremeço ao me pensar que algum dia uma mulher poderá me perguntar a que horas vou voltar para casa ou então porque não fiz a barba de manhã". Eu e Jacó caminhávamos por uma rua que misteriosamente tinha um acentuado perfume de eucalipto.

Em dado momento, ele tomou-se pelo braço. "Mas vamos beber enquanto ela ainda nos deixa beber juntos". Aborreci-me. "Você não conhece Heloisa e por isso fala assim. Ela jamais interferirá nas minhas amizades. E nem eu admitiria". Ele sorriu. "Mas está claro que ela não vai interferir, meu querubim, o processo será sutilíssimo, começa bem esse tipo de mulher, ora se!... Você me dirá um dia, ou melhor, você não me dirá nada porque quando voltar a pensar em mim, já desaparecerá há muito do seu horizonte".

— Esses cigarros devem mesmo estar velhos.

— Volto-me lentamente. Heloisa abre as páginas do livro com uma pequena espátula de marfim.

— Que cigarros?

— Esses da caixa, meu bem. Pois não foi por isso que você não fumou?

— Afundo na poltrona e devio o olhar para o chão porque nesse instante exato eu gostaria que ela estivesse morta. Completamente morta e eu chorando como louco, chorando desesperado porque a verdade é que eu a amava, mas era verdade também que fora maravilhoso viver-me dela assim. Uma morte prontíssima. Mas bem morta. E todos com pena de mim e eu também com pena de mim mesmo porque jamais encontraria uma mulher tão extraordinária. Mas quando viesse a noite, e eu abrisse a porta, e não a visse me esperando para o jantar, quando pudesse ficar no escuro e de pé no meio desta sala, então solitaria um grito igual ao que soltei naquele dia, quando era menino e cheguei ao cume de uma montanha.

— Você está sentindo alguma coisa?

— Ergo o olhar até Heloisa. A mão da minha filha. Minha companheira há quase dez anos, pronta para ir buscar aspirina se a dor é na cabeça, pronta para chamar o médico se a dor é no estômago. Tapo a cara com as mãos. Sinto-me um monstro.

— Não, estou ótimo.

— Você ultimamente anda es-

fregando tanto os olhos. Acho que devia ir ao oculista, meu bem. Ai estava. Eu não podia mais ler nenhum jornal gratuito, sem objetivo, até os gestos deviam ser esclarecidos e justificados. Subir até o alto da montanha para quê?

— "Eu era mudo e só na rocha de granito". Heloisa teve seu sorribinho entre irônico e complacente.

— Hoje você está mesmo com a poesia. E que poesia!

— Retribuo-lhe o sorriso. Tão fina, tão intelectual. Poesia mesmo, só a de T. S. Eliot. Filosofia pura, só a de Kant. Música, só a de Bach, pronuncia-se Barb, viu, meu bem? Acendo um cigarro. E quase insuportável a piedosa ternura que sinto por mim mesmo. Que é feito daquele cavaleiro lírico que gostava de se espojar na terra, as quatro patas voltadas para as estrelas? Que é feito dele?!

— Gisela teve distinção em inglês, imagine! — Heloisa exclamou erguendo a espátula. Gisela, minha filha. E já sabia tocar Chopin, e já sabia sorrir como a mãe sorria, de maneira a acenar-nos a covinha que tinha na face esquerda. Heloisa preparava a menina como fora preparada, de moral suficiente para nunca pensar sequer em trair o marido; de constituição suficientemente resistente para sobreviver a ele, pois a esposa perfeita deve sorrir depois do companheiro para poupar-lhe assim o desagradável espetáculo da morte.

— Era o círculo eterno sem começo nem fim. Um dia, Gisela diria à mãe qual era seu escolhido. E Heloisa o convidaria para jantar conosco, exatamente como a mãe dela já fizera comigo. E durante o jantar, com aquele arzinho de falsa distraída, comeariam com suas perguntas que nem eram bem perguntas, todas tão inocentes, mas tão inocentes, que o rapaz sorrisia consigo mesmo, perplexo diante de tamanha ingenuidade. Estatamente como eu em um dia também sorrir. Depois, insensivelmente, o moço-

lris se transformando numa manquinha social, extraordinariamente aperfeiçoada pelo hábito, hábito de ser sempre contente, de falar sem vontade, de chorar sem vontade, de amar sem vontade... E um dia ele ficaria assim, como eu, de frente da mulher. Tarde demais para sair pela porta a fora. E desafiando, covarde e miseravelmente desejando que ela se volte de repente para confessar "tenho um amante". Ou que então ao invés de enfiar a espátula no livro, enterrea-a até o cabo no coração.

— Você não quer ouvir um pouco de música? Quer que ligue a vitrola?

— Faço que não com a cabeça. Já estou muito tempo sem fazer nada. E a esposa perfeita não deve deixar o homem com a mente em tal disponibilidade.

— Tranquilo-a abrindo uma revista. E de fato ela se tranqüilizou mesmo, porque vejo-a baixar para o livro a fronte serena e reconhecendo a leitura. Que harmonia! Que quadro! Se houvesse um grande céu cantando aos pés dela, um São Bernardo, por exemplo, então a cena ficaria ideal. Mas mesmo sem o São Bernardo, o quadro está tão bem composto, que parece um desses cartões postais muito antigos, onde havia sempre uma moça de roupagens azuis, mansa e etérea, lendo uma carta na frouxa luz de um abajur.

— Fecho a revista. Fecho os olhos. E guardo o postal no bolso. Heloisa ficou impressa num postal. Saio para a rua de cabeça descoberta e sem direção. E ela não me perguntou nada porque agora é uma simples figura de cartão, ah, maravilhosa, maravilhosa! Não preciso ter amantes, não preciso morrer, tudo se resolveu com fabulosa simplicidade, ah, a saída maravilhosa! Ela virou cartão postal. E postal não pergunta nada, nem sequer porque me dirio ao céu que emerge fantástico em meio da cerração. O apito vai crescendo, soturno e quente. E me envolve e me transporta para o tombadilho de um cargueiro. Vai para Sumatra? Vai para Hong-Kong? O navio avança no



meio da noite e o claro mar de estrelas vai se desdobrando sobre minha cabeça. Meu companheiro de viagem sentou-se ao meu lado e fuma em silêncio. Tiro o postal do bolso. "Esta era minha mulher. Está era meu lar". O homem aproxima a brasa do cachimbo do rosto de Heloisa. "Ela morreu?" é pergunta. "Não, não morreu. Uma noite, sai de casa e não voltei nunca mais". O homem não faz comentários e eu guardo o cartão no bolso. Posso

também rasga-lo em pedacinhos e atira-lo ao mar. Porque agora sou apenas um vagabundo sob as estrelas. Oh prisioneiros dos cartões postais de todo o mundo, vinde ouvir comigo a música do vento! Em nenhuma parte ele é tão livre como aqui, cavalgando nuvens, chapinhando no mar. Vinde todos ouvir comigo a música do vento!

— Meu bem, será que você pode fechar a janela? Esfriou, não?

Abro os olhos. Eu também estou dentro do postal. Levanto-me e vou fechar a janela. Em compensação, terá às vezes pequenas alegrias. Menos a liberdade de ser preso por uma idéia. Ou de sair a qualquer hora para ver um amigo. Ou de cortar os pulsos sem nenhuma explicação. Sem nenhuma explicação.

Até então do vídeo — do vídeo os das lágrimas? — as estrelas me parecem agora incrivelmente remotas. Fecho a cortina.

NAO SEI se em outro lugar o caso Dreyfus provocou tamanho alvorbório como em Kasrilevke (1).

Em Paris, dizem, a coisa também fervia como uma marmitta. Os jornais escreviam, os generais discutiam-se e os raparceiros corriam pelas ruas como doidos, lançando os gorros no ar e pintando o diabo. Entretanto, de negritim os judeus, cobrindo-os de lama, como é de hábito... Mas tanto desgosto, tanto sofrimento e tanta vergonha como sentia Kasrilevke, Paris não sentira nem no dia do advento do Messias.

Como chegaram a saber de Dreyfus em Kasrilevke? E melhor não perguntar. Pois, como soube-

Dreyfus em Kasrilevke

Conto de **SCHOLOM ALEIHEM**

Ilustração de **POTY LAZZAROTO**

Mas a pergunta continua de quem de onde chegou Kasrilevke o caso Dreyfus?

De Zeidl.

Zeidl, o filho de Reb Schote (3), é o único na cidade que assina o *Hatzefra* (4), e todas as novidades que ocorrem no mundo, chegam a sabê-las por ele. Isto é, não por ele, mas através dele. Zeidl lê e eles inter-



— O que não faz um judeu para ganhar a vida?

— E outro disse em tom vingativo:

— Bem (leit) Um judaizinho não deve se meter nas alturas e se misturar entre os reis!

Mais tarde, quando Zeidl veio e contou uma nova história, dizendo que toda a questão não passava de calânia, que o capitão judeu, o tal do Dreyfus, que fora degredado, era uma inocente alma de Deus, que se tratava de uma simples intriga de uns generais que brigaram entre si, o povoado inteiro interessou-se um pouco pelo assunto, e Dreyfus tornou-se um cidadão de Kasrilevke. Onde havia dois. Ele era o terceiro.

— Ouvia?

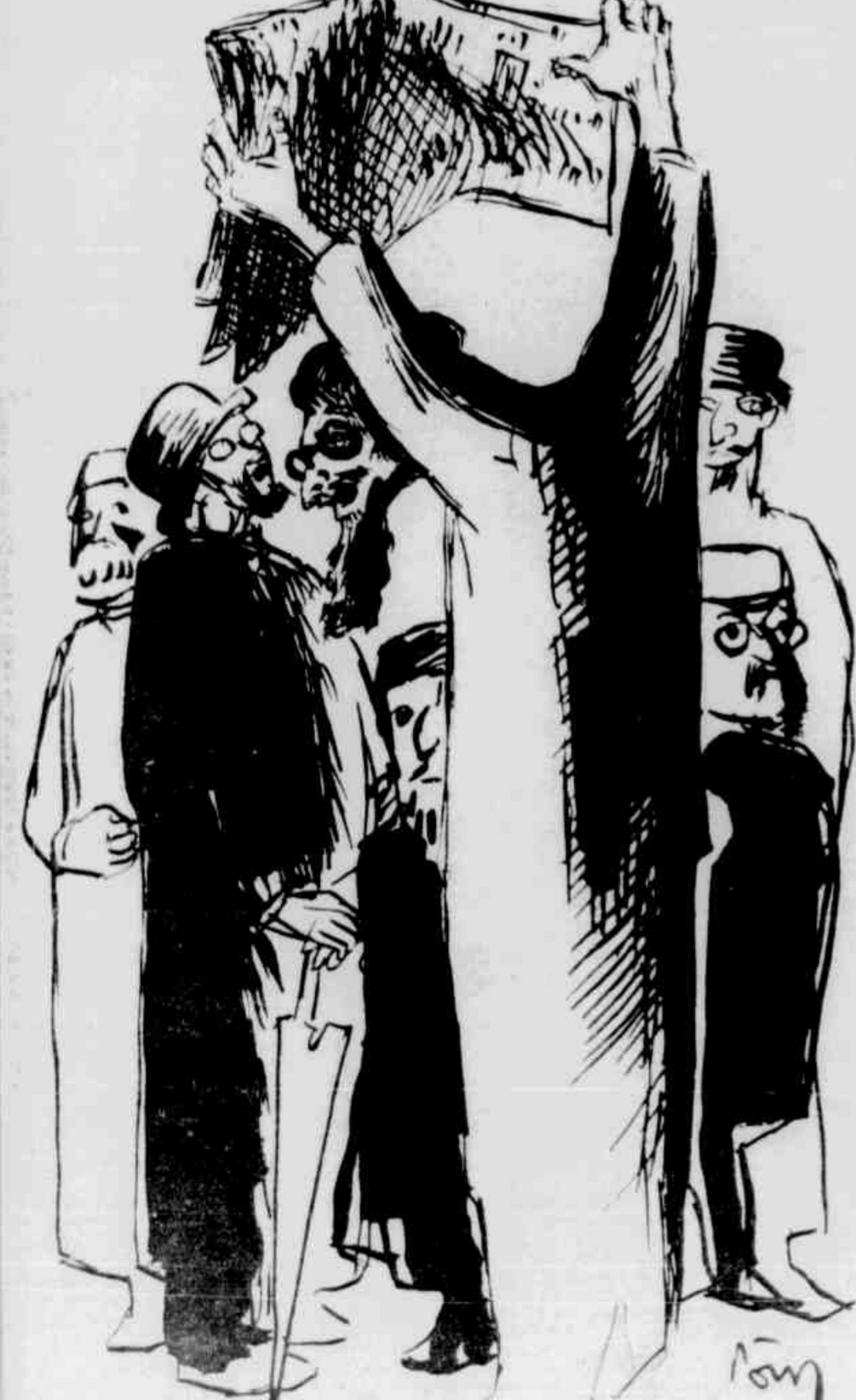
— Ouvia.

— Desterrado por toda a vida?

— E por nada!

Posteriormente, quando Zeidl veio e relatou ser possível a revisão do julgamento e que uma boa gente se propusera a provar ao mundo inteiro que, na realidade, houvesse um erro na história toda, então Kasrilevke começou a se agitar de furra, talmente diversa. Primeiro, porque Dreyfus é um dos "nosso" e, segundo, como é possível que lá, em Paris, aconteça um caso tão feio? *Thu*, não é nada bonito para os "franchinotes".... E começaram as teimosas disputas e as apostas: um dizia que o julgamento seria revisto e o outro defendia que não — uma vez proferida a sentença da corte, adus...

— Com o decorrer do tempo, deixaram de esperar que Zeidl se dignasse aparecer na sinagoga para trazer as novas sobre o capitão Dreyfus. Começaram a procurar lá em sua própria casa. Mas logo perceberam a inutilidade e puseram-se a acompanhá-lo devidamente à agência do correio, a fim de retirarem o jornal e lerem o que lá mesmo e ali mesmo mastigarem mais uma e mais outra vez a leitura, e ali mesmo gritarem, berzarem e discutirem, falando tudo no mesmo tempo, como de costume. Mas de uma vez, o chefe do correio desobedeceu, com muita delícia de fora, que a agência postal não era uma sinagoga, tinha a intenção de...



— O que me dizem de suas cartilhas?

— Pérolas! Diamantes! Brilhantes!

De Lambori também gostavam de um bocódo. Deleitavam-se, extasiavam-se e lambiam os dedos com os seus discursos. E verdade que em Kasrilevke ninguém o escutava uma única vez, mas deduziam que ele deveria falar muito bem.

Não sei se a família de Dreyfus, em Paris, aguardava com tanta ansiedade o seu retorno da ilha, como os judeus de Kasrilevke. Podesse dizer que viajavam juntamente com Dreyfus, sobre o mar, e sentiam como se navegassem de fato; eis que se ergue um huracán, agotando as águas por todos os lados, as ondas batem de encontro ao barco e o atiram como se fora uma limulha, para cima e para baixo, para baixo e para cima.

— Senhor do Universo! — impioravam em seus corações. — Confiava, ao menos, não e saltar ao lugar do julgamento. Além, ao menos, os olhos dos juizes e lumbra suas mentes, a fim de que desobediam o culpado e que o mundo inteiro ressoasse a nossa justiça, amém.

O dia em que chegou a boa notícia de que Dreyfus apartara,

Quando chegou o último dia do processo, os habitantes de Kasrilevke agitavam-se como se tivessem malita. Preferiram dormir vinte e quatro horas e só acordar quando Dreyfus, com a ajuda de Deus, estivesse em liberdade. Mas, como de propósito, ninguém conseguiu fechar os olhos. Natueira noite, revoltavam-se de um lado para o outro, travavam batalhas contra os percebidos e não viam a hora do rair do dia.

Quando clareou, dirigiram-se ao correio. A agência ainda estava fechada, bem como o portão de acesso. Pouco a pouco, o póco começou a apertar-se e os dentes de gente. As celadoras esboçavam de um lado para o outro, bocejavam, espreguiçavam-se, emulavam as peis (5) e cantorejavam balbuzio um hale! (7).

Quando, lástima, o portão abriu o portão, todo mundo precipitou-se para dentro, lambe e chupava e que mostrar uma ali quem mandava era ele. Assim, atremetou contra o multidão,

— Por que? Por que? Tãmanha crueldade! E em vão! Pois que em Sodoma!

Esse tiro tirou-lhes a cabeça. A bola acertou-lhes em pleno coração. Era como se o disparo fosse contra Kasrilevke.

— Senhor do Universo! — impioravam em seus corações. — Mostra as tuas maravilhas, quando quiseres, tudo é possível; faze, pois, um milagre. Que Lambori ao menos não morra!

E Deus, louvado seja, fez o milagre, e Lambori não morreu.

Quando chegou o último dia do processo, os habitantes de Kasrilevke agitavam-se como se tivessem malita. Preferiram dormir vinte e quatro horas e só acordar quando Dreyfus, com a ajuda de Deus, estivesse em liberdade. Mas, como de propósito, ninguém conseguiu fechar os olhos. Natueira noite, revoltavam-se de um lado para o outro, travavam batalhas contra os percebidos e não viam a hora do rair do dia.

Quando clareou, dirigiram-se ao correio. A agência ainda estava fechada, bem como o portão de acesso. Pouco a pouco, o póco começou a apertar-se e os dentes de gente. As celadoras esboçavam de um lado para o outro, bocejavam, espreguiçavam-se, emulavam as peis (5) e cantorejavam balbuzio um hale! (7).

Quando, lástima, o portão abriu o portão, todo mundo precipitou-se para dentro, lambe e chupava e que mostrar uma ali quem mandava era ele. Assim, atremetou contra o multidão,

SCHOLOM ALEIHEM (que significa "A par estrelas convulso") é o nome mais popular da literatura idiche e o mais famoso da literatura judaica em nosso tempo. Pseudônimo de Salomão Rabbinovitch, nascido em Pereslav, em 1859, e falecido em Nova York em 1916, que exerceu as mais variadas profissões, de professor e rabino a comerciante e empregado. Scholom Aleihem escreveu em russo e em hebraico, mas sobretudo foi um dos construtores do idiche como língua literária. Sua criatividade é igual à dos maiores ficcionistas contemporâneos e sua obra está traduzida na totalidade das línguas importantes. Mestre do conto, escreveu igualmente alguns romances magníficos. Suas obras principais são "Motel", "O Dileito", "Estrelas Cadentes", "Narrativas de um Calreiro Viajante", "Stempel", "Lore, o prozno", "Sorrta Graúdo". O conto que hoje publicamos foi traduzido especialmente para PARA TODOS, pelo escritor Jacob Guinsburg.

(1) Não sei se realmente alvorbório causou tanta agitação em Kasrilevke, mas a coisa também fervia como uma marmitta.

(2) Zeidl, filho de Reb Schote.

(3) Reb Schote, forma habitual de Scholom.

(4) Jornal hebraico de larga circulação na Europa Oriental. Fundado em 1862, apareceu até 1927.

(5) Abaixo as cântoras Katal das cantoras.

(6) Hale, expressão idiche usada pelos judeus.

(7) Hale, expressão idiche usada pelos judeus.

A luta pelo cinema nacional

CAVALHEIRO LIMA

CARO amigo Jorge Amado: Prefiro enumerar em carta minha opinião sobre o cinema atual...

ORA, embora sabendo que pode ser interpretado como amor próprio ferido, o fato de vir a contradição uma afirmação que, desejando ser-me elogio na verdade lê-me uma grande injustiça...

seria possível mediante medidas que extrapassem o "dumping" da concorrência estrangeira, protegida sempre pelo governo. Conseguido isto, por uma política de desenvolvimento dos preços de mercado...

Excetando o I Congresso, do qual não participei porque estava preso às atividades de produção no Rio Grande do Sul...

Gravuras de Carlos Scliar

(Conclusão da 5ª página) O grupo mexicano do "Taller de Gráfica Popular", motivado o Clube gráfico em seus trabalhos...

Coleção "Ensaio" da Livraria São José

- 1 - O PRETO NO BRANCO - Exegese de um poema de Manoel Bandeira... Cr\$ 30,00
2 - INGLATERRA - (Notas breves e considerações a margem) - Por Castilhos Gorenchê... Cr\$ 30,00
3 - ESFINGE CLARA - (Palavra-palavra em Carlos Drummond de Andrade) - Por Othon Moacyr Garcia... Cr\$ 30,00
4 - LE BATEAU IVRE - (Análise e interpretação) - Por Augusto Meyer... Cr\$ 30,00
5 - ARTHUR AZEVEDO E A ARTE DO CONTO - Por José Montello... Cr\$ 30,00



Anna Esmeralda, numa cena de "Quem Matou Anabela"

obecer a humanidade e seus caminhos. O filme é um sonho. Na verdade, filosofico e sociológico também da palavra...

Encontro mundial de escritores, amplo passo para a paz

Os problemas atuais da poesia não se separam das últimas conquistas do modernismo, afirma Cassiano Ricardo - Valorização das fontes autênticas da poesia brasileira

(Continuação da 1ª página) mântico e sempre termina clássico. Se há uma certa inquietude...

Problemas de livro e da indústria editorial

Henio Gauselli sobre o livro importado: Nova orientação no sistema cambial e revisão das quotas

Problemas de livro e da indústria editorial

Henio Gauselli sobre o livro importado: Nova orientação no sistema cambial e revisão das quotas. Entrevista concedida a ALFREDO GUILHERME GALLIANO...

O 80.º ANIVERSÁRIO DE AFONSO DE E. TAUNAY

MARIA DE LOURDES TEIXEIRA



Afonso de Taunay

NO dia 11 do corrente transcorreu o 80.º aniversário do historiador Afonso de E. Taunay...

Nascido em Santa Catarina, na antiga Nossa Senhora do Desterro, hoje Florianópolis, o ilustre historiador é filho do Visconde de Taunay...

Formado em engenharia civil pela Escola Politécnica do Rio de Janeiro, quatro anos depois era professor substituto da Escola Politécnica de São Paulo...

Desde 1929 Afonso de E. Taunay pertence à Academia Brasileira de Letras, eleito para a vaga deixada por Luis Murat...

Entre os seus trabalhos históricos, publicados durante o quinquênio, há o livro História da Bandeira, a História da Bandeira...

Agua é possível dizer que nossa poesia tende a reunir, numa síntese harmoniosa, as experiências...

Se há uma tradição, a que não podemos ignorar, isto não significa, porém, retorno à situação anterior...

INTERCAMBIO CULTURAL - Quais os benefícios que, a seu ver, podem advir de um amplo intercâmbio cultural entre o Brasil e todos os países do mundo...

São vários os benefícios, tanto para os outros países como para o Brasil. Já no passado o nosso índio indígena citando um exemplo...

O modernismo teve os seus momentos de euforia, de puro espírito polêmico, não há dúvida. Houve muita ingenuidade, muita ousadia...

al e, em particular, de São Paulo, com seus 80 anos de idade Afonso de E. Taunay continua a trabalhar infatigavelmente...

E' com satisfação que PARA TODOS registra o aniversário do grande historiador brasileiro...

entre os quais Prati, Ungaretti e Moravia, estão organizando um encontro mundial de escritores. Que acha a respeito?

Como obter que esta coexistência seja, não uma fatalidade, não uma penosa imposição de contingência...

Qu, melhor, como transformar a fatalidade em fraternidade? Dai o grande papel que cabe aos escritores...

Um poeta mais de ternura no coração do homem moderno não cria, também, um meio eficaz de influir generosamente na concepção de coexistência...

Ainda recentemente o presidente Eisenhower convidou Faulkner, Prêmio Nobel de Literatura, para ajudar em seu programa de aproximação cultural...

Um encontro mundial de escritores, como esse, lembrado por Chomskov, será um passo mais amplo para o mesmo fim.

Além disso, o Brasil tem um compromisso para com o mundo em que vive, dada a sua formação, dado o seu espírito de fraternidade humana...

A literatura, o intercâmbio cultural e político levam — quero crer — os povos a melhor se conhecerem para melhor se amarem...

ENTENHO - Partindo de uma proposta do romancista soviético Chomskov ("podemos ter pontos de vista diferentes, mas uma coisa nos une: o desejo de ser úteis ao homem") os escritores italianos...

CONCLUINDO - A Câmara Brasileira do Livro e o Sindicato, que tanto apoio têm dado à Fiscalização Bancária...

AGÊNCIA GAGLIARDI (São Paulo, Caixa Postal 6441, tel. 37-4027) e com Viciente B. Gagliardi (Rio de Janeiro, Caixa Postal 1429, tel. 52-3986)

estará nas bancas do Distrito Federal e de S. Paulo, quinta-feira, 26 de julho.

NOVO MAPA DO BRASIL 1956 Edição do Instituto Geográfico de Agostini. Esc. 1:4.000.000 - Tamanho 1,40 x 1,20

Especificação em cinco línguas - Impressão em dez cores. Em todas as casas do ramo ou na AGÊNCIA GAGLIARDI

(São Paulo, Caixa Postal 6441, tel. 37-4027) e com Viciente B. Gagliardi (Rio de Janeiro, Caixa Postal 1429, tel. 52-3986)

PARA TODOS

Um poema de amor de Neruda

Mensagem a Neruda

E. CARRERA GUERRA



Ilustração de LAZAR SEGALL

La Rama Robada

EN la noche entraremos a robar una rama florida.

Pasaremos el muro, en las tinieblas del jardín ajeno, dos sombras en la sombra.

Aun no se fue el invierno, y el manzano aparece convertido de pronto en cascada de estrellas olorosas.

En la noche entraremos hasta su tembloroso firmamento, y tus pequeñas manos y las mias robarás las estrellas.

Y sigilosamente, a nuestra casa, en la noche y la sombra, entrará con tus pasos el silencioso paso del perfume y con pies estrellados el cuerpo claro de la Primavera.

CARACOL dormitante
passaro andino
anfíbio triplíce
de floresta e charco e céu
donde vem
donde vem tua força
de furia elétrica
e água lenta?
Tua queda estelar
de que paramos?
Tua ascensão de homem
de que fundo fôssô?
Donde vem
donde vem
teu misterioso claro
tua sequência de naipes
tua capa de folhas
teu péso de martelo?
De que antro escondido
retiras
a que hora calada
tua arca de estrélas
o aluvião do verbo
tua flora ambigua
tua vertigem sem álcool?
Em que cimo nevado
em que altura de pedra fria
ocultas
teu paiol de coriscos?
A fronte em que nuvem
esfrías
os lábios em que rosa úmida?
Dize-nos
tu, avalanche,
tu, rio crescente,
insolante das varzeas
rolador de calhaus
barrancas e madeiros.
Ouvimos teu rumor molhado
de onda crepitante
tuas passadas atrodadoras
de água pejada.
Tuas aves debandam
enchem o arul
de vóos tintos
e de algazarras aquáticas
rondam sobre tua cabeça
coroados de limos e lianas
Teus saúros nos espiam
nas margens alagadas
da pré-história
de um dia americano.
Teu gènesis gira
eternamente inconcluso
canta o alvorço inicial
do liquen à larva
do germen aos animais imaturos
modelados
por tuas mãos de barro
rio Neruda
irmão da montanha
parente dos metais
úbere de vinho
fósforo de tra
sagração vegetal.
Dize-nos então
donde vem
donde vem
tua voz numerosa
teu timbre de trombeta
teu alento infinito?
Dize-nos
dize-nos então
donde vem tua força

Sansão sem cabelos?
Aponta-nos a nascente obscura
de teu canto varín e longo
ora erguido punhal de clari-
[dade].
Desvenda-nos a trama
de tua potamografia
intrincada
diã nos
a carta de navegar
em teu sangue chileno
ensina-nos, marinheiro,
a pisar tombadilhos
a conhecer de longe
o perfil das lhas
e o fochinho dos barcos
no horizonte.
Mostra-nos como bivacar
escoteiro
entre vulcões e terremotos
como lavrar
terreno rijo de lavas
onde um jardim tu plantas.
Leva-nos a teu sul
de chuva e névoa e incêndios.
Leva-nos a Temuco.
Apresenta-nos
a teu pai ferroviário
ao escaravelho
do dia de tua infância
ferida de bruma
cravejada de sonhos.
Depois à cordilheira
conduze-nos
sobre tuas saca
à legenda gelada
ao granito sítente
de Machu Pichu.
E ali na solidão selvagem
da cidadela milenária
desmornada
all entre as subidas rocas
entre ameias
parapeitos e pátiros
finca a bandeira
acende teus fogos
ilumina a escalada
das águas e dos homens.
Depois
de novo despenha
tuas catadupas
vaporiza nos céus
tuas neblinas
coroa de neve o Chlmborazo
alaga a lhanura
cintura uma aldeia
serpeja distante
pois agora mesmo que te sumos
Pablo
areia a dentro
no inferno das minas
de salitre ou cobre
agora já sabemos
Pablo
donde vem
donde vem tua força
Pablo
esse romance de rio longo
esse destino de água farta
essa fonte cantante
que adianta sempre ressurte
entre verduras
números, bichos
ceibas e homens
entrelaçados.

Inéditos de AUGUSTO MEYER

Sonetilhos

Ilustrações de VASCO PRADO

Sanga funda

VEM ver esta sanga funda
Com remansos de água clara.
Lá em baixo o céu se aprofunda,
A nuvem passa e não pára.

Numa cisma vagabunda,
Olhando-me cara a cara,
Quantas vézes me abismara:
Água clara... alma profunda...

E que estranho era o meu rosto
No momento em que o sol posto
Punha aos longes na paisagem!

Aprendi a ser bem céu
Segredo de algum segredo,
Imagem, sombra de imagem...

Praça da Matriz

DOMINGO. Alguém que boceja
Embaciando a vidraça...
Do alto da torre da igreja
Cai outra hora que passa.

Desejo que mal deseja
Suprar, a festa, fogueira...
Do meu cigarro... Assim veja!
Ninguém nos bancos da praça.

Eu fico fumando e olhando:
Os jacarandás juncando
Todo o chão de roxas flores,

A capelinha, a Matriz
E ao longe, num fundo gris,
As duas torres das Dóres.

Sesta

LINDO recanto! O biri,
Amarelo ou encarnado,
Cresce à margem do banhado
Com jouças de sarandá.

Um maricó retratado
Nas águas, um bem-te-vi,
Tudo e sombra e aceno aqui
Para o viajante cansado.

Procuremos um lugar
Onde eu possa descansar
Chegando ao povo bem cedo:

E nos pelegos deitado,
Ver o móbil rendilhado
Que o sol tece no arvoredo.



Ô de casa!

O de casa! vou broando
Desde a cancela fronteira
E um guaipeca na porteira
Responde logo ladrando.

Morocha conversadeira,
Me aparece e vai saudando
Minha vinda e convidando
Para o mate, hospitaleira.

Desmonto, De vez em quando
O cachorrinho ainda late
Ao meu baio, que reioça.

E eu negocio, gozando
O gosto amargo do mate
E os doces olhos da moça.

Serenata

Al, luare de outono, al luare
Lá na rua do Arvoredo!
Serenatas e cantares
Até quase manhã cedo!

Geme o violão pelos ares
Corda a corda, dedo a dedo,
Abre o peito e ao cantares
Alivia o teu segredo.

Lá se vão de rua em rua:
Flauta, violão, cavaquinho
Lá se vão laideia abaixo.

Treme nas águas a lua
E o luar bate, branquinho.
Na velha ponte do Riacho.

"Do livro a sair, 'Poemas' (1923-1952), edição da Livraria São José."

Quando a semente fala

ANTONIETA DIAS DE MORAIS
ILUSTRAÇÃO DE RACHEL

ERA APENAS UMA SEMENTE ESCURA,
SUBSTÂNCIA DESGARRADA
ONDE A VERDE INTUIÇÃO DE MEU DESTINO
ERA CERTEZA VAGA.
CATIVA NO SILÊNCIO DE MEU SONO
SÓ GERMINAR SONHAVA.

OH! SOBERANO ANELO
DE TORNARME EXCESSIVA,
ROMPER A NEGRA CAPSULA
QUE SE DESFAZ SUBMISSA.
LANÇAR TENUES RAIZES
QUE SOBREM COM BLANDICIA
NO SEIO TERRENAL
A SEIVA MAIS ANTIGA.

SINGELA E GRAVE NO SEVERO INVOLUCRO
DE PERSISTÊNCIA RARA,
DESPERTAR PODERIA DE MEU EXTASE,
SONAMBULA QUE AS TREVAS GOLPEAVA,
EM VÃO NA SOMBRA IRÁ PERECER
OU GANTAR NAS SEARAS?

SIM, ALI ESTAVA O HOMEM,
A FRONTE PENSATIVA;
AS MÃOS QUE CATIVAVAM
AS SONDAS FUGIDIAS
POR ONDE A NATUREZA
ADOS POLICOS SE RENDIA.
PLANTARAME NA TERRA
COMO UM PROFUNDO ENIGMA.

CHEIO DE AMOR PELA SEMENTE INQUIETA
NA TERRA A SEMEAR,
E NESSE INSTANTE UM DESLUMBRAMENTO
PELA PRÓPRIA VENTURA O ARREBATARA,
POIS FORA O CORAÇÃO QUE COM DESVELO
UM DIA ALI DEIXARA.

UM SAPRO DE VERDEURA
EM MIM SE CONCEBIA,
A GASCA DO SILÊNCIO
NO SOLO SE FUNDIA
COM IMPETO JA ABROLHAM
RAIZES CRISTALINAS,
E NAS TREMULAS FOLHAS
VILUMBRO A MARAVILHA.

PRIMEIRO A FACE DO HOMEM TRIUNFANTE
E O SOL QUE ALEM RAIAVA,
DEBRAMANDO ALEGRIA, SOBRE OS SULCOS
QUE O PRANTO DO LUAR INDA ORVALHAVA,
DEPOIS O AZUL, MAIS INFINITO E AZUL
QUE A TERRA CONTEMPLARA.

ERGUIME NUM ENLEVO
DE VERDE E PURA LINHA
QUE NO PRIMEIRO TRAÇO
E ILIBADA E ESGUIA,
AGORA UM NOVO ALENTO
NO MEU CAULE SE ABRIGA,
SONHANDO ENLOURECER ME
EM MULTIPLAS ESPIGAS.

O VENTO NAVEGANDO NOS TRIGUAIS
SOBRE ONDAS QUE SEU SOPRO DESATAVA,
NO TRANSPARENTE BARCO IA CANTANDO
A OPULÊNCIA DOURADA NAS SEARAS,
VIEM ENTÃO OS HOMENS E COLHERAM
O CORAÇÃO QUE O HOMEM SEMEARA,
E REPARTIRAM O PAD MULTILÍNEO,
PELO AMOR QUE NA TERRA GERMINARA!



PARA TODOS



Tarefa

GEIR CAMPOS

Ilustração de OTAVIO ARACIO

MORDER o fruto amargo e não cuspir
mas avisar aos outros quanto é amargo,
cumprir o trato injusto e não falhar
mas avisar aos outros quanto é injusto,
sofrer o esquema falso e não ceder
mas avisar aos outros quanto é falso;
dizer também que são coisas mutáveis...
E quando em muitos a noção pulsar
— do amargo e injusto e falso por mudar —
então contiar à gente exausta o plano
de um mundo novo e muito mais humano.

MOSCOU — VARSÓVIA

(26 MAIO 1956)

Se este avião caísse, crispado entre os ouros, as copas e as espadas, eu ficaria; sárrafos nas pálpebras, para que se manifestassem abertas durante o incêndio, colocaria;
Se este avião caísse, as madrugadas de meu filho de um terror violeta se elucidariam; na tarde calcinada, a sombra de minha mulher se inflamaria; minha filha não me encontraria deitado sobre o feno, escondido atrás da porta, acima dos cataventos com os braços carregados de bonecas; mais do que a minha garra em um livro e um lírio não encontraria; um gesto no espelho, uma espátula de ósso, um pensamento;
Se este avião caísse, em uma esquina de Ipanema eu nunca mais esperaria;
Se este avião caísse, só uma pessoa não diria "que pena" (a que caísse e se esquecia e se consumia, e só se libertaria quando de todo caísse e se esquecesse e se consumisse,
Se este avião caísse, de mim o firmamento em torvelinho se afastaria; os mortos da Lituânia e da Múrcia a mim viriam, e no silêncio rodeado de verdura me receberiam; soldado quase desconhecido, mãos desligadas do corpo — exangües e sem ar mas — ah, a terra de ninguém eu atravessaria;
Se este avião caísse, de arquitetar a condição da criatura um arquiteto a mais desistiria; certo de que outros chegarão a construir a humana arquitetura (o que se faz há muitos anos e se fará em um dia);
Pousado sobre o meu peito, o pássaro cruento do mel-dia; o criptógrafo egípcio afinal se explicaria; em fragmentos cadentes, a minha carne emigraria; espantado em farrapos, só o vento de leve me espantaria;
Se este avião caísse, sob as arcadas do pátio a poça de sal se extingüiria; a minha túnica amarela entre os anos se tornaria; sobre as telhas dos dragões dourados os seus flocos, indiferente, a paineira sacudiria; na colina resplendente, quem soubesse ler, leria: "aqui pousou uma criança que quase nada compreendia", até que outra morte nos separe, o meu nome no tronco se resignaria;
Se este avião caísse, este papel em cinzas arderia; a estrela rubra do poema nenhum jornal publicaria; fosse cair daqui a pouco, ainda assim o escreveria; a vida e a morte são as amantes, são a esposa, da poesia;
Se este avião caísse, os meus vizinhos compreendiam; lembrando-se dos meus cabelos no elevador, uma intuição qualquer no ar lhes diria: que só não fui um amigo por falta de tempo ou covardia; mas pode alguém perfeitamente amar o seu vizinho se apenas, grave, pela manhã lhe diz "bom dia"; e então, sentimentais e sem razão, de mim, coitados, se apiedariam; e de se sentirem tão sensíveis, em fim prazer espiritual tudo (de mim) enfim se acabaria;
Se este avião caísse, a música de meu apartamento ensurdeceria; os volumes nas estantes, de já não ter quem os lesse, como eu os lia, pardos e fechados ficariam; outros mais sábios vir e servir-se poderiam; mas o meu jeito de ler e pensar desapareceria; no entanto, se este avião caísse, daquilo que é apenas meu a orgulhar-me não chegaria;
Se este avião caísse, já ninguém mais melitaria no ave que passo gemendo contra o vento na bruma fria; o segredo que não cheguei a tocar a ninguém mais preocuparia; só se a meu filho legasse a vocação da tristeza e o heroísmo da alegria;
Se este avião caísse, de certo me compadeceria do que caíam comigo sem a coragem da poesia; embora talvez fosse eu quem mais saudades levaria; tantas, que mais houvesse, para que de vez caísse, pedria; poentes roxos de Minas, pratas aéreas da Bahia; chapéu de palha de Leda, olhos castanhos de Lia; pubescência de Teresa, experiência de Maria; prosadores da Irlanda, poetas de Andalusia; Yang-Tsé em Nanquim, das Velhas em Santa Luzia; Etna fumegando em Taormina, em Sienna a grado, garvotas da Normandia; sorriso da menina, do menino e eufórico; Wagner composto o Parsifal, Nietzsche vivendo em Siis Maria; a mulher que foi comigo, a que não foi mas não; tantas, que mais houvesse, para que de vez caísse, pediria;
Se este avião caísse, com ele cairia um homem que pelo menos entenderia a fábula da folha que se desprende e desaparece; e assim seu coração, na terra como no mar e no céu, como de triste e maluro caísse, não se surpreenderia, nem reclamaria; pois este afilto coração, de ter amado e sofrido, na amplitude da morte se conformaria;
Se este avião caísse, em um domingo azul um peixe até a pedra nadaria; não encontrando o meu anzol, ao alto mar regressaria; desse desencontro tecido de tão lindos equívocos, a sua carne se salvaria; e o domingo azul do mar ainda mais azul reluziria.

PAULO MENDES CAMPOS



SERGIO CARDOSO RECLAMA AJUDA DO GOVERNO AO TEATRO BRASILEIRO

A ATUALIDADE DE ISEN

ZIEMBINSKY GRANDE ESCRITOR SOCIAL

GIANNI RATO Anseio de liberdade

CONSIDERA CATASTRÓFICA A "LEI DOS 2 x 1 — O REAPARECIMENTO DO "HAMLET" NA CASA DE ESPETACULOS QUE ALGUNS QUALIFICAM COMO A MAIS BONITA DO BRASIL — OUTRAS REALIZAÇÕES

A comemorar o 50.º aniversário da morte de Ibsen, temos de refletir a asserção de que o grande dramaturgo norueguês foi esquecido. Nada mais falso. Ibsen continua presente, com o mesmo vigor, talvez ainda mais vigoroso, e sua época, o período que em sua época. O que existe de fato, e que se modifica o juízo a seu respeito, e hoje é no e mais próximo, nos e dolorosamente verdadeiro, através de suas acusações, que levaram o mundo a transformação social e política.

escritor verdadeiramente de tese, encontrado assim o seu caminho e tudo aquilo que quis dizer ao mundo. Aqui então, é que vamos observar a diferença da acatada de Ibsen em sua época e agora. Não há dúvida de que, quando Ibsen escreveu "Casa de Helga", "Espectros", "Rosmer Bonnes" e outras, até chegar a "Quando os mortos despertam", ele via os problemas sociais em profundo desacordo com sua época. Era um grande acatado de suas peças devia ser choque de opiniões, em face das acusações sociais que formulava e que desafiavam protestos e controvérsias. Todos eram contra ele, mas seu extraordinário poder dramático impôs-se contra as opiniões e falsidades sociais dos contemporâneos, que eram os próprios acusados de suas peças.

É NA independente liberdade do espírito contra o formalismo vazio e medíocre do preconceito e da sadrocência de tudo o que se lhe impõe, que o gênio de Ibsen procura a atualidade de Ibsen: uma atualidade que não se destaca de um constante desespero, talvez em contraste com um anseio nosso.

SÃO duas horas da tarde e a plateia está vazia. O silêncio no teatro é completo e os fios de cordões parecem coisas estranhas ali coladas. Mesmo num teatro novo como o Bela Vista tem-se a impressão de sombras que passam na penumbra melé fria, suscitando o calor dos aplausos e dos murmúrios. De vez em quando um pequeno estado adormecido se faz com que nos preocupamos em imaginar a existência de um mundo misterioso onde a nossa vontade de nada vale.

Reportagem de HERMILO BORBA FILHO — Já que você se mostra tão interessado pelo assunto nacional que acha tão regulamentado pelo Presidente da República? — Sim, exatamente. A atualidade social, política, econômica, cultural, tudo isso tem de ser refletido no teatro brasileiro. Não se trata de uma simples reprodução de temas estrangeiros, mas de uma criação artística brasileira. O teatro brasileiro deve ter uma grande identidade, não se tratando apenas de temas estrangeiros, mas de uma criação artística brasileira. Não se trata de uma simples reprodução de temas estrangeiros, mas de uma criação artística brasileira.

Repertório — Perguntamos a Sérgio qual seria o seu repertório. E diz: — "O repertório de nossa companhia será selecionado entre as obras mais significativas do teatro clássico, do teatro moderno, do teatro comercial e do teatro brasileiro. Na escolha do repertório nacional seremos auxiliados por um Conselho Permanente de Teatro, constituído pelos artistas: Alfredo Mesquita, Cláudio Garcia, Décio de Almeida Prado, Kubito Magaldi e Ruggiero Jacobi. Como que o teatro clássico e o moderno podem dignificar nossa iniciativa, enquanto o comercial pode sustentá-la e o brasileiro justificá-la."



Libia Lico

A peça "A Casa de Helga", de Ibsen, que não tem uma obra longa prazo e correm não nos falta. Resta que o governo não faça uma análise e a ele que cabe o empelo a iniciativas culturais que visem a elevar o índice artístico do teatro brasileiro. Não se trata de uma simples reprodução de temas estrangeiros, mas de uma criação artística brasileira. O teatro brasileiro deve ter uma grande identidade, não se tratando apenas de temas estrangeiros, mas de uma criação artística brasileira.

PROTEÇÃO AO AUTOR NACIONAL

Regulamentando a lei 1563, de 3 de março de 1952, o presidente Juscelino Kubitschek assinou o decreto 30.423, de 10 de junho próximo findo, que estabelece, em síntese, que as companhias teatrais brasileiras, estrangeiras sempre suas temporadas com originais de autor brasileiro ou de estrangeiro radicado no Brasil e que, em cada três peças apresentadas, uma pelo menos deverá enquadrar-se nos requisitos indicados para os textos de estréia; das obras nacionais, além disso, uma somente, por temporada, poderá ser de domínio público.

Estúdios e Bastidores



Afinal, o esperado romance de João Guimarães Rosa!

"Grande Sertão: Veredas"

Ainda não diminuiu a enorme repercussão de "Corpo de Baile", e a Livraria José Olympio Editora traz a público o romance "Grande Sertão: Veredas", último livro do contista de "Sagarana".

Advertisement for the book "Grande Sertão: Veredas" by João Guimarães Rosa. The text describes the book as a masterpiece of Brazilian literature, highlighting its themes of violence, honor, and human nature in a rural setting. It mentions the publisher, Livraria José Olympio Editora, and provides contact information for bookstores and libraries.

SOBRE O FILME DOCUMENTÁRIO

ONDE se encontram as dificuldades entre o tratamento do herói no filme documentário e no filme romancizado? No filme documentário, não há espaço para o herói, não há espaço para o herói, não há espaço para o herói. O filme documentário deve ser objetivo, mostrando a realidade tal qual ela é, sem a intervenção do diretor. O filme romancizado, por outro lado, permite a liberdade do diretor para criar um herói e uma narrativa que atrai o espectador.



Uma cena de "Cangaço das Barras", de Joris Ivens

documentário sério, desde a origem, diretamente ligado à vida real. Sua função, sua força, nasce dos fatos, em ação por uma vida melhor. O documentarista, que vive a vida, precisa escolher os fatos que mais interessam a ele e a sua época. Não se deve ficar na superfície.

II: O AMBIENTE

de vida, não apenas os seus hábitos de vida, mas igualmente suas condições econômicas. Se pedimos, a quem não seja ator, muita representação, pode-se cair no sentimentalismo, que diminui a qualidade artística e conteúdo do filme.



Uma cena de "Cangaço das Barras", de Joris Ivens

documentário sério, desde a origem, diretamente ligado à vida real. Sua função, sua força, nasce dos fatos, em ação por uma vida melhor. O documentarista, que vive a vida, precisa escolher os fatos que mais interessam a ele e a sua época. Não se deve ficar na superfície.

A Quinzena Teatral

foi às vezes, um pouco, o papel do elefante que dança o momento. O "maravilhoso" é o que há de mais atual em "Os Barbares" e o diretor italiano, subestimado. Não devemos, a esse respeito, deixar de estudar as ligadas dos grandes cineastas soviéticos Pudovkin e Eisenstein.

Advertisement for the "Quinzena Teatral" (Theatrical Week) event. It lists various theatrical productions and the names of the directors and actors involved. The text is arranged in a grid-like format, providing details about the schedule and the participating companies.

O PARTO SEM DOR abre novos rumos à ciência

(Conclusão da 1ª página)
do no Ocidente — que acontece ser no caso um profissional com 30 anos de prática libada, bem amada de sua cidade, respeitado por seus colegas no mundo inteiro e que, podendo dormir sobre os louros de uma situação excepcional dentro de sua especialidade, renasceu para a medicina obstétrica depois de se assegurar com seus próprios olhos que a mulher não precisa sofrer para ter filhos: muito ao contrário, pode tê-los sem dor e dentro de uma das mais divinas alegrias que é possível imaginar num mundo onde a alegria, por culpa do egoísmo, espírito preconcebido e cupidade de alguns não é natural e frequente como deveria ser.



Prof. Lamaze com Vinícius de Moraes

Nascido numa pequena cidade de Vosges, chamada Mirecourt, foi em 1910 que o jovem Dr. Lamaze partiu para Paris, impedido pela vocação que o fazia um dos maiores médicos e humanistas de sua pátria. Depois de 30 anos de prática, seu nome ultrapassava fronteiras, mesmo dentro dos métodos tradicionais de fazer o parto. Mas em 1951, convidado, com uma delegação médica, para ir à União Soviética pesquisar sobre problemas de Saúde Pública, ou-

via o testemunho de várias mulheres sobre suas próprias experiências como gestantes sem dor. Foi então que quis ver com seus próprios olhos...
... E na quarta-feira, dia 4 de setembro de 1951, continua ele ligeiramente emocionado, quando eu a visitar os laboratórios de Pavlov, em Lenigrado, recebi de repente uma telefonada do Instituto de Obstetria perguntando-me se gostaria de ver um parto sem dor, feito à luz da teoria do reflexo condicionado de Pavlov. Durante 7 horas, à cabeça de uma primípara de 35 anos, vi, ao mundo uma criança de 3k.800, sem que a mãe precisasse do auxílio de qualquer medicamento ou anestésico, sem ajuda direta do médico ou da parteira; milto ao contrário, mostrava ela o maior interesse por todo o que via e, ao fim desse tempo, teve o seu filho LITERALMENTE SEM DOR E COM A MAIOR ALEGRIA.

Tinha o Dr. Lamaze trinta anos de prática e nunca vira coisa igual. Nunca ninguém lhe dissera nada sobre o milagre que acabara de presenciá-lo. E a partir desse dia tomou a resolução de ajudar as mulheres de seu país e de todo o mundo, dedicando-se inteiramente ao método e dando-se de corpo e alma à disposição dessa nova escola de ciência obstétrica.

Em Paris, na Maternidade dos Metalúrgicos, por ele fundada há quatro anos, o Dr. Lamaze, sem perda de tempo, atacou o problema de preparar a equipe de médicos e enfermeiras que trabalhavam com ele para a aplicação do novo método. O entusiasmo foi grande. Poucíssimo, sobretudo, com a educação dos futuros educadores, atraindo o Dr. Lamaze ao trabalho, que deverá provavelmente invulgarizar sua criação, pois, segundo me contou, "já passou o ponto de viragem".
Finalmente, a 4 de março de 1952, teve, juntamente com seus

de 7.000 partos com resultados satisfatórios em 900 dos casos. O que eleva a contagem do Dr. Lamaze, incluindo os partos realizados em sua clínica particular a 12 mil partos sem dor até o presente. Havendo instituído também estágios educativos para médicos e parteiras, já teve o obstetra francês a satisfação de ver mais de 1.500 profissionais vindos da França e de 47 países estrangeiros, sentarem-se atentos às suas palavras de ensinamento. Assim é que a divulgação do método prossegueivamente, e entre os países que primeiro o emergiram situam-se a Bélgica, a Suíça, a Itália, Portugal, o Brasil e Angola (onde já há dois médicos que o praticam).

Cada vez que uma equipe bem educada resolve-se a atacar um problema humano, esse problema encontra a sua solução, disse-me o Dr. Lamaze. O método psico-fisiológico do parto sem dor é um método Universal e nele não se coloca nenhuma questão de discriminação de raças nem nenhum problema religioso. Ele se destina fatalmente a modificar a condição de todas as mulheres do mundo.
Em seguida, o grande obstetra francês tirou do bolso uma pequena folha de papel e pedindo a minha atenção leu o seguinte:

"Parece-me certo: ora, à luz da fisiologia de Pavlov, numerosos problemas da medicina são suscetíveis de serem resolvidos. Da mesma maneira que nos 'pensamentos' a obstetria, podemos 'reprogramar' a medicina. Meu voto é ver os pesquisadores se dedicarem sobre certos aspectos da medicina. Penso particularmente na Neurocirurgia, na Ginecologia, na Cardiologia, na Estomatologia, etc. Minha convicção profunda é de que, se eles o fizeram chegar a soluções tão formidáveis quanto aquelas a que os partos soviéticos chegaram com relação à obstetria. Assim, o homem, sobre bases fisiológicas, poderá sair vitorioso da luta que empreende desde milênios contra sua velha inimiga: a 'Dor'."

(Conclusão da 1.ª pag.)
Nada conseguiu destruir o Popol Vuh, nem os conquistadores, nem o tempo. Aquêles, por ordem de um bispo, mandaram queimá-lo. No "Canto General" recordo este fato:

"O Bispo levantou o braço
Queimou os livros na praça
Em nome de um mínimo deus
Fazendo fumo das folhas
Verdes, gastas pelo tempo."

E o tempo? Nem todos os séculos foram mais vezes que o fogo. E hoje o Popol Vuh está ao nosso lado, revelando-nos o encanto de sua poesia.

Má, pois, uma linha de continuidade na poesia americana, de suas origens até hoje, passando por toda sua história.
Mas, poderá alguém perguntar: "Que relação pode haver entre José Martí e Vicente Huidobro?" A mesma que existe em toda a nossa poesia: o fato de que, pouco a pouco, consciente ou inconscientemente, vai buscando a

No Mundo da Ciência

XIX CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE INSTRUÇÃO PÚBLICA

Realiza-se em Genebra na Suíça, a XIX Conferência Internacional de Instrução Pública, que se encerrará a 17 do corrente e cujo teorário compreende os problemas da instrução escolar do ensino das matemáticas no ciclo secundário e dos informes dos Ministérios de Educação relativos ao movimento educativo no período 1951/56. O Dr. Luther H. Evans, diretor geral da UNESCO, fez um informe examinando as questões do ensino gratuito e obrigatório, do acesso da mulher à educação, da formação profissional e da condição social do magistério. Assumiu também um papel especial principalmente para os países em que os governos se viram obrigados a nomear professores de formação incompleta — a tese de que, hoje em dia, a ação do inspetor consiste menos em fiscalizar o mestre do que em auxiliá-lo. Quanto ao ensino das matemáticas oferece atualmente notáveis perspectivas, que pro-

cupam sobremaneira os meios especializados, pelo que dele estão exigindo as necessidades industriais a própria investigação científica e mesmo a parte didática das matérias. Os informes misturam, enfim, permitindo um balanço do progresso realizado nos cursos letivos e consequentes recomendações de medidas adequadas a seu desenvolvimento. Aguarda-se com grande interesse a publicação das conclusões da Conferência.

Caráter Nacional.

(Conclusão da 5.ª página)
ainda esse caráter nacional acentuado, friso, julgo que devemos expressar algo ligado a esse caráter de modo a criar uma arte de grande significação.

INTERCAMBIO DESLEIXO OFICIAL
Sobre a necessidade de intercâmbio, disse-nos Franck Schaeffer que só podemos beneficiar-nos em todos os sentidos, com as mais amplas iniciativas que nos ponham em contato com a pintura de todos os países. Há desleixo oficial nesse setor, e o artista individualmente pouco ou nada pode fazer. Já é tempo de intercâmbio ser institucionalizado de modo a tornar o Brasil conhecido e respeitado nos centros de cultura do mundo.

FERNANDO PAMPLONA — PROCURA DO SENTIDO NACIONAL

O desleixo e o caráter Fernando Pamplona, Prêmio de Cenografia de Viagem ao País, revelou-nos que pretende voltar aos diversos Estados brasileiros, em que conhece na sua maioria, quando terá oportunidade de, mais detalhadamente, estudar e trabalhar na base do conhecimento e da observação de nossa terra.

— Esse prêmio, acenou, vai lhe

Lima Barreto

FRANCISCO DE ASSIS BARBOSA
(conclusão do número anterior)



O QUE parece fora de dúvida é que o verdadeiro Brasil está mais nos livros de Lima Barreto que nos dos escritores cidadãos ou regionalistas, tidos e havidos como os mais representativos do nosso 1900 literário, como Graça Aranha, Coelho Neto, Afonso Arinos ou Valdomiro Silveira. Não foi portanto o injuriado caricaturista e panfletário que deformou a realidade, mas os outros que, movidos por este ou aquele motivo, mais cheios das melhores intenções, como é uso dizer-se, pretenderam dar aos seus quadros, sob, disant reais, tom mais alegres ou mais agradáveis, para disfarçar o que poderia parecer depressivo, quando não vergonhoso à publicidade nacional.

Com aquele espírito de observação, que se completa com uma dose não pequena de sarcasmo, Lima Barreto assim definiu a literatura do seu tempo, a literatura que Afrânio Peixoto queria só se fosse "o sorriso da sociedade": "A nossa emotividade literária só se interessa pelos populares do sertão, unicamente porque são pitorescos e talvez não se possa verificar a verdade de suas criações. No mais, é uma continuação do exame de português, uma retórica mais difícil a se desenvolver por este tema sempre o mesmo: Dona Dulce, moça de Botafogo, em Petrópolis, que se casa com o doutor Frederico, o perdedor de doutor, não tem emprego. Dulce vai à superiora do Colégio das Irmãs. Esta escreve à mulher do ministro, antiga aluna do colégio. Em seguida, um emprego para o rapaz. Está acabada a história. E' preciso não esquecer que Frederico é moço pobre, isto é, o pai tem dinheiro, fazenda ou engenho, mas não pode dar uma mesada grande. Está aí o grande drama de amor em nossas letras, e o tema de seu ciclo literário."

Pois bem, Lima Barreto decidiu não seguir a receita. Rebelou-se contra os formalismos. Desmorralizou o dilematismo literário. Mandou às fadas a retórica balofa e inconsequente e, com ela, os literatos boricochos, que viviam falando na Grécia. Pôde assim inaugurar revolucionariamente a fase do romance moderno no Brasil. Do "romance de crítica social" sem doutrinarismo dogmático", diria Monteiro Lobato, como que para separar, bem separados, Lima Barreto de Graça Aranha. Lobato teve a intuição de que o autor de Recordações do Escrivão Isaías Caminha acabara por entrar a fase em que se cuidava impune da literatura como frívolo passatempo, impondo uma nova mentalidade, mais fecunda, que só muito mais tarde, com o romance nordestino de caráter social, iria adquirir forças de movimento, quando não de escola. A verdade é que foi o mulato negro em nossa literatura da nova concepção do romance, que passou a ser o homem em função da sociedade em que vive e não apenas dentro de si mesmo, fosse um elegante petropolitano ou um caipira paulista.

Que espécie de boêmio foi esse Lima Barreto que construiu toda essa obra, palmo a palmo, sacrificando-se por inteiro pela literatura e que só da literatura e pela literatura quis viver?

Boêmio é sinônimo de despreocupado. "Indivíduo estéril, pa-

tusco e vadio" — lá está no Pequeno Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa, que anda na mão de todo o mundo. Mas Lima Barreto não foi nada disso. O vício da embriaguez, que o levaria — mais de uma intenação forçada no hospício, nas crises mais agudas de delírio alcoólico, nada tem a ver com a figura do boêmio que alguns cronistas seus contemporâneos nos tentaram impingir. O retrato não é verdadeiro. Um escritor, que morre aos quarenta e um anos, deixando uma obra de dezesseis volumes, entre romances, contos, crônicas, ensaios de crítica literária, artigos políticos, sem faltar um só momento a uma direção firmemente traçada, desde a adolescência, não pode ser considerado de modo algum boêmio. E', como disse o Senhor Wilson Martins, numa observação feliz, a antítese do boêmio.

Fiel até o fim à sua vocação de escritor, pois, antes de morrer, reafirmará os mesmos princípios da juventude sobre o destino da literatura. Refugiado em Mirassol, no interior de São Paulo, onde fôra à procura de repouso, hospedando-se na casa de um amigo querido, que então iniciava a sua carreira de médico e que outro não era senão o romancista Ranulfo Prata, Lima Barreto recebera em convite para pronunciar uma conferência na cidade vizinha de Rio Preto. As idéias que expôs nesse trabalho, publicado na Revista Nossa Cruz, e postumamente reunido ao volume Impulsões de Leitura, nesta coleção, são as mesmas de sempre, assustando aquela admirável linha de coerência que norteou o seu pensamento literário e toda a sua carreira profissional e escritor.

A arte é um fenômeno social, insiste o romancista, voltando a citar Taine e Brunetier, autores que formaram o seu espírito, juntamente com Descartes, Spencer e Comte, na primeira mocidade. Sem ter sido jamais um cartesianismo puro, muito menos um tainiano ou um brunetieriano, formara por assim dizer um conceito próprio de literatura, nascido da meditação e da leitura desses mestres da sua adolescência, transmitindo aos ensinamentos de cada um o toque pessoal, muito seu, presente em tudo que escreveu. E que eu posso chamar de toque limabaretiano.

No limiar dos quarenta anos, podendo olhar o caminho que já percorreu no romance, no conto e na crônica de jornal, para um reexame talvez definitivo, continua defendendo a sua tese predileta, em matéria de doutrina estética, com aquela nota de sinceridade que jamais o abandona.

Ao mesmo tempo que reafirma a constante do seu pensamento estético, o escritor, que pouco depois morreria celibatário, sem que dele se conhecesse nenhum traço de amor feminino, além do contato passageiro, quando não mercenário, de alguma mulher, o escritor solitário proclama a sua paixão pela literatura, que é, em suma, a sua própria razão de existir. Está tão integrado nela que chega a dizer, com a naturalidade dos amantes que não temem o ridículo, nas suas expansões de ternura: "Mais do que qualquer outra atividade espiritual da nossa espécie, a Arte, especialmente a Literatura, a que me dediquei e com quem me casei, mais do que ela, nenhum outro qualquer meio de comunicação entre os homens, em virtude mesmo do seu poder de contágio, teve, tem e terá um grande destino em nossa triste humanidade".

Através desse casamento singular, conseguiu Lima Barreto a sua própria libertação. "Quer dizer, o homem, por intermédio da Arte, não fica adstrito aos preconceitos e preconceitos de seu tempo, de seu nascimento, de sua pátria, de sua raça; ele vai além disso, mais longe que pode, para alcançar a vida total do Universo e incorporar a sua vida na do Mundo". Não há exagero em afirmar que a Literatura era, para Lima Barreto, uma espécie de religião, que superava por assim dizer o seu agnosticismus. Se acreditava em alguma coisa, era na Literatura, como única força capaz de levar a compreensão a todos os homens, criando a Pátria Estética, em que se resumia, afinal, o ideal político, artístico e literário desse grande visionário.

"A Beleza para Taine — diria Lima Barreto na sua conferência escrita em Mirassol — é a manifestação, por meio dos elementos artísticos e literários, do caráter essencial de uma obra mais simplesmente do que ela se acha expressa nos fatos reais. Portanto, ela já não está na forma, no encanto plástico, na proporção e harmonia das partes, como querem os helenistas de última hora e dentro de cuja concepção muitas vezes não cabem as grandes obras modernas e, mesmo, algumas antigas. Não é o caráter extrínseco da obra, mas intrínseco, perante o qual aquele pouco vale. É a substância da obra, não são as suas aparências. Sendo assim, a importância da obra literária, que se quer bela sem desprezar os atributos externos da perfeição de forma, de estilo, de correção gramatical, de ritmo vocabular, de jogo e equilíbrio das partes, em vista de um fim, de obter unidade na variedade; uma tal importância, dizia ele, deve existir na exteriorização de um certo e determinado pensamento de interesse humano, que fale do problema angustiante do nosso destino em face do Infinito e do Mistério que nos cerca e aluda às questões de nossa conduta na vida".

Seus o saber, Lima Barreto fizera, nessa conferência, o seu testamento literário, que era também a confirmação de sua profissão de fé de escritor, fiel a si mesmo, por cujo ideal sofreu, lutou e morreu.



Ex-libris de Lima Barreto

Pablo Neruda: "Sobre Poesia"

(Conclusão da 1.ª pag.)
raiz do que somos. Cada grande poeta é um capítulo dessa busca.

Para esta luta pela nossa expressão poética muito nos ajudará o conhecimento dessas culturas, mesmo as mais primitivas.

Há pouco tempo li poemas de amor dos araucanos. Sabemos que eles não integravam uma das civilizações mais adiantadas de nossa América pré-colombiana; no entanto, seus poemas de amor são maravilhosos e me ancheram de assombro e admiração.

UM NOVO DESCOBRIMENTO
Lembro-me que, certa vez, uma revista brasileira de arquitetura, lançou a seguinte pergunta: "Esta morfa a arte?" que era, sem dúvida, inquietante.

Portinari, o grande pintor brasileiro, respondeu bastante desesperado com o caminho que a arte está seguindo; e um jovem escultor, muito bom dentro de sua concepção artística, levantou em sua resposta a bandeira da universidade.

Caráter Nacional.

(Conclusão da 5.ª página)
ainda esse caráter nacional acentuado, friso, julgo que devemos expressar algo ligado a esse caráter de modo a criar uma arte de grande significação.

INTERCAMBIO DESLEIXO OFICIAL
Sobre a necessidade de intercâmbio, disse-nos Franck Schaeffer que só podemos beneficiar-nos em todos os sentidos, com as mais amplas iniciativas que nos ponham em contato com a pintura de todos os países. Há desleixo oficial nesse setor, e o artista individualmente pouco ou nada pode fazer. Já é tempo de intercâmbio ser institucionalizado de modo a tornar o Brasil conhecido e respeitado nos centros de cultura do mundo.

FERNANDO PAMPLONA — PROCURA DO SENTIDO NACIONAL

O desleixo e o caráter Fernando Pamplona, Prêmio de Cenografia de Viagem ao País, revelou-nos que pretende voltar aos diversos Estados brasileiros, em que conhece na sua maioria, quando terá oportunidade de, mais detalhadamente, estudar e trabalhar na base do conhecimento e da observação de nossa terra.

— Esse prêmio, acenou, vai lhe

lidade conseguida com o abandono da busca de nossa expressão característica.

Pergunta-se esse escultor por que fazer tanta questão do americano? O povo do nosso continente vive como os europeus — dizia. Em nada nos diferenciamos dos franceses, dos belgas, dos tcheco-eslovacos.

Penso que isso não é verdade.

Como explicaríamos, a ser exata essa teoria, a ligação estreita que existe entre os jovens europeus e a arte greco-latina? Não podemos acreditar que haja nenhuma revelação celestial. O clima múltiplo dessa Europa, material e espiritual, que deu a arte greco-latina, influiu também sobre a inspiração dos jovens atuais que, por isso, a ela estão ligados.

Precisamos descobrir outra vez a América. Descobrir, e não inventar, seguindo o caminho que nos foram revelando a terra e aqueles poetas que sempre se aproximaram dela.

Que foi nossa América? Esta é a pergunta. Por que não crer que os velhos monumentos de cultura americana possam revelar-nos mensagens que a ninguém mais podem transmitir?

Ganharíamos com isso tirar a arte plástica dos marcos do abstracionismo decorativo para levá-la a uma extensão e profundidade incomensuravelmente maiores.

A ARTE E O POVO
Ser autêntico, esta é a chave. O contato com o povo po-

Assinatura semestral Cr\$ 50,00
Assinatura anual Cr\$ 100,00

para todos

AV. CHURCHILL, 60 — grupo 804 — RIO DE JANEIRO

Desejo uma assinatura de PARA TODOS, para o que envio a importância de Cr\$00.

Vale Postal
Cheque

Nome
Endereço
Cidade
Estado

LIVRARIA G'UANABARA

ÚLTIMAS NOVIDADES CHEGADAS DE PARIS :

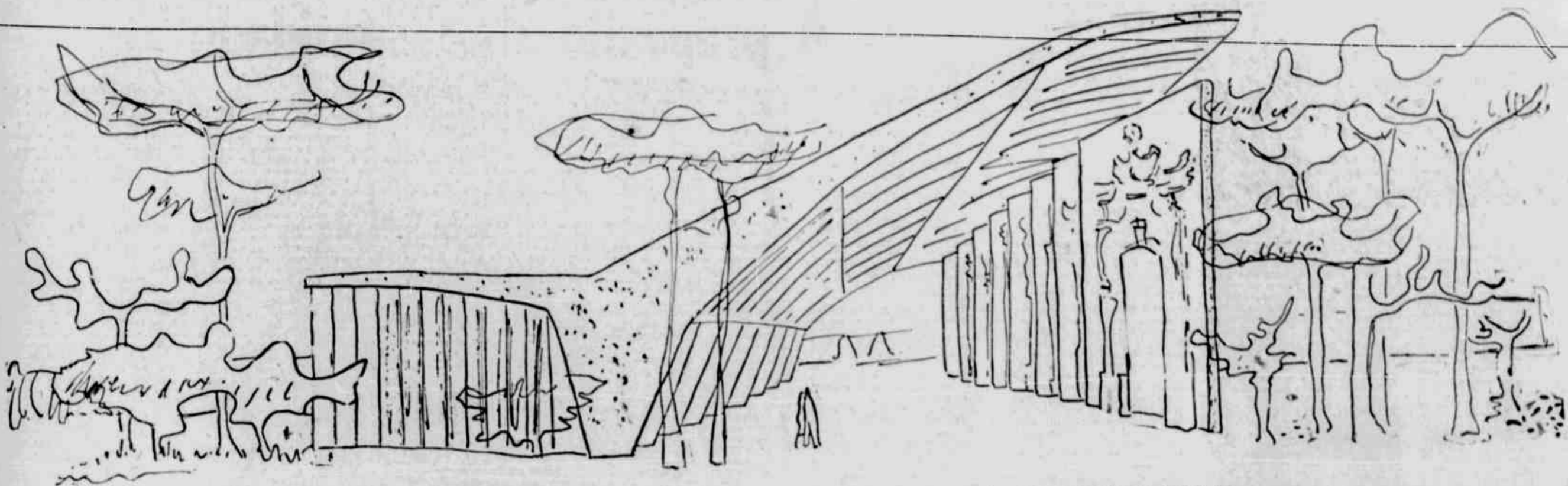
- SAGAN — Bonjour Tristesse
- " — Un Certain Sourire
- SAINT-EXUPERY — Le Petit Prince
- DANINOS — Carnets du Major Thompson
- Bahia de Tous Les Poetes
- PLEIADE — Encyclopedie des Litteratures — Tomo I
- ISRAEL — Fotografias
- DISNEY — Le Siam
- DISNEY — Les Hommes Bleus au Maroc
- WEERSCH — Corps et Ames, 2 vols.
- ELGAR — Picasso — Fernand Hazan
- PREVERT — Spectacle
- OVIDE — L'Art D'Aimer — Ilustres. de RINGEL
- ALAIN — Propos — Pleiade
- MYERS — Encyclopedia of Painting
- HAZAN — Dictionaire de la Peiture Moderne

MESA DE SALDOS — DESCONTO 50%

LIVRARIA G'UANABARA KOOGAN S/A

RUA DO OUVIDOR, 132 — TELEFONES: 32 8483 e 32 8484

PARA TODOS



Museu de Moldagem, traço de Alcides da Rocha Miranda. Nos clichês que ilustram esta página, algumas das moldagens realizadas pelo S. P.H.A.N.

Uma história de dificuldades e peripécias

POR QUE NÃO SE CONSTRÓI UM MUSEU DE MOLDAGEM?

Reportagem de MARY AKIER
Fotos de AYMORE MARELLA

Onde se reflete o descaso pela preservação de nosso patrimônio artístico
A luta do SPHAN e o velho problema da falta de verbas — Moldada quase toda a obra do Aleijadinho — Três opiniões sobre o Museu

TRANSPOR para a capital do país, em moldes fiéis, as principais obras da arquitetura e da escultura, na época colonial — tal a iniciativa de vulto que o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional vem empreendendo, com os escassos recursos de que dispõe e enfrentando inúmeras dificuldades.

Essas obras, dispersas pelo interior, são praticamente inacessíveis à maior parte do público. E ademais, essa mesma dispersão apresenta sérios obstáculos ao trabalho de comparação e de estudo a ser feito pelos técnicos do SPHAN. Surgiu, assim, a idéia de criar o Museu de Moldagem.

O trabalho de reprodução dos mais valiosos tesouros de nossa arte colonial foi iniciado por um moldador antigo e experiente, o sr. Eduardo Be-

jarano Teles. Depois de várias tentativas, encontrou ele na cera o material ideal para executar as suas moldagens. O nível de qualidade atingido pelo seu trabalho é sem dúvida excelente. Não se trata apenas de capacidade técnica: exige-se também, para sua execução, uma sensibilidade artística apurada.



Quase toda a obra do Aleijadinho

A maior parte das moldagens foi feita em Minas Gerais, fonte principal do nosso acervo artístico colonial. A obra do Aleijadinho foi quase toda reproduzida, além de numerosos trabalhos de autores desconhecidos. Em Congonhas do Campo fizeram-se, por exemplo, moldagens da porta-

da da igreja da Matriz, das estátuas dos 12 profetas do adro do Santuário do Bom Jesus de Matozinhos, e da imagem de Cristo existente no Paço da Flagelação, no mesmo Santuário. Em Morro Grande, a moldagem da imagem de São João Batista. Em Ouro Preto, entre outras, reproduções da portada da igreja de São Francisco de Assis, da sobreporta da igreja de N. Senhora do Carmo, do relêvo do frontal do altar-mor da igreja de São Francisco de Assis. Em Sabará, moldagem dos dois púlpitos da igreja de Nossa Senhora do Carmo, e outras.

Uma favela por abrigo

Surgiu o problema do local onde guardar as moldagens, algumas das quais chegam a 15 metros de altura. Não poderiam ficar em museus comuns; tornavam-se necessárias instalações especiais. E aí, mais uma vez, o Serviço do Patri-



mônio se defrontou com o antigo problema da falta de verbas. Sem esperança de uma solução imediata, o recurso foi procurar um local de emergência. E o que se encontrou disponível foi a estrutura de concreto de uma construção abandonada, a "Favela do Es-

queleto", no Rio. Lá se foram as moldagens para a estranha favela, enquanto o pessoal do SPHAN se desdobrava em esforços para tornar realidade a construção de um Museu de Moldagem.

No projeto de Oscar Niemeyer para o Parque do Ibirapuera, por ocasi-

ão do IV Centenário da cidade de São Paulo, figurava um edifício para esse museu; mas a verba destinada à construção do Parque sofreu cortes, e a idéia teve de ser abandonada. Em seguida, um projeto menos oneroso foi executado pelo arquiteto Alcides Rocha Miranda, para ser construído ao lado do Museu Nacional na Quinta da Boa Vista. Novamente as verbas mínimas destinadas ao Serviço do Patrimônio retardaram a concretização desse projeto.

Incêndio

E como se não bastassem esses contratemplos, veio a calamidade maior: um incêndio lavrou na Favela do Esqueleto, destruindo quase todo o material ali exposto — pelo menos setenta por cento. Assim, perderam-se anos de trabalho paciente, de tenaz dedicação dos técnicos do SPHAN. O pouco que resta das moldagens realizadas com tanto esforço foi recolhido à Escola Nacional de Belas Artes. O destino dessas peças, sua história e a do Museu destinado a guardá-las, são parte da odisséia que é a luta, obscura

e desajustada, pela defesa e enriquecimento de nossa cultura nacional.

Três opiniões autorizadas

A respeito dos problemas suscitados pela necessidade de preservar as obras de arte do passado brasileiro, ouvimos três autoridades reconhecidas na matéria. O arquiteto Alcides Rocha Miranda disse-nos:

— Um Museu de Moldagem tem grande valor para um estudo de confronto entre as diversas obras dos nossos artistas do passado. Antes de realizar meu projeto, procurei estudar os já realizados em outros países. Verifiquei que, em sua maioria, mais parecem salas de anatomia, com moldagens encaixadas umas ao lado das outras, tirando, assim, o valor expressivo da obra de arte. O Museu, além do objetivo de facilitar o estudo, deve representar também uma exposição artística.

O engenheiro e poeta Joaquim Cardoso, que calculou o projeto anterior, declarou:

— É tipicamente brasileiro esse problema das moldagens: quando se está para completar um trabalho, a falta de verba o enterra, acabando por desfazê-lo. Agora, quando o Congresso Nacional tem tomado iniciativas que favorecem as artes, por exemplo, com a votação de 10 milhões para o Museu de Arte Moderna de São Paulo e de outro tanto para o do Rio de Janeiro, poderia o deputado Sergio Magalhães, autor dos dois projetos, apresentar outro que beneficiasse uma obra de tanta utilidade para a nossa cultura como o Museu de Moldagem. Poder-se-ia também fazer a adaptação de prédios antigos, inclusive um tombado pela Prefeitura, que pertenceu à viscondessa de São Lourenço, situado na Rua do Riachuelo.

Oscar Niemeyer, autor do primeiro projeto para o Museu, assim se manifestou:

— A construção de um Museu de Moldagem é uma iniciativa importantíssima e urgente. As moldagens não estão resguardadas, apesar de todo o zelo com que foram elaboradas pelo SPHAN. Com o centenário de São Paulo novas esperanças surgiram, mas de pouca duração, pois com o corte da verba mais uma vez o Museu de Moldagem foi sacrificado. O assunto deverá certamente ser abordado no Congresso de Museus a realizar-se em Ouro Preto, onde serão feitas exposições dos projetos.

PROJETO PARA O MUSEU DE MOLDAGEM DO SPHAN

ALCIDES DA ROCHA MIRANDA

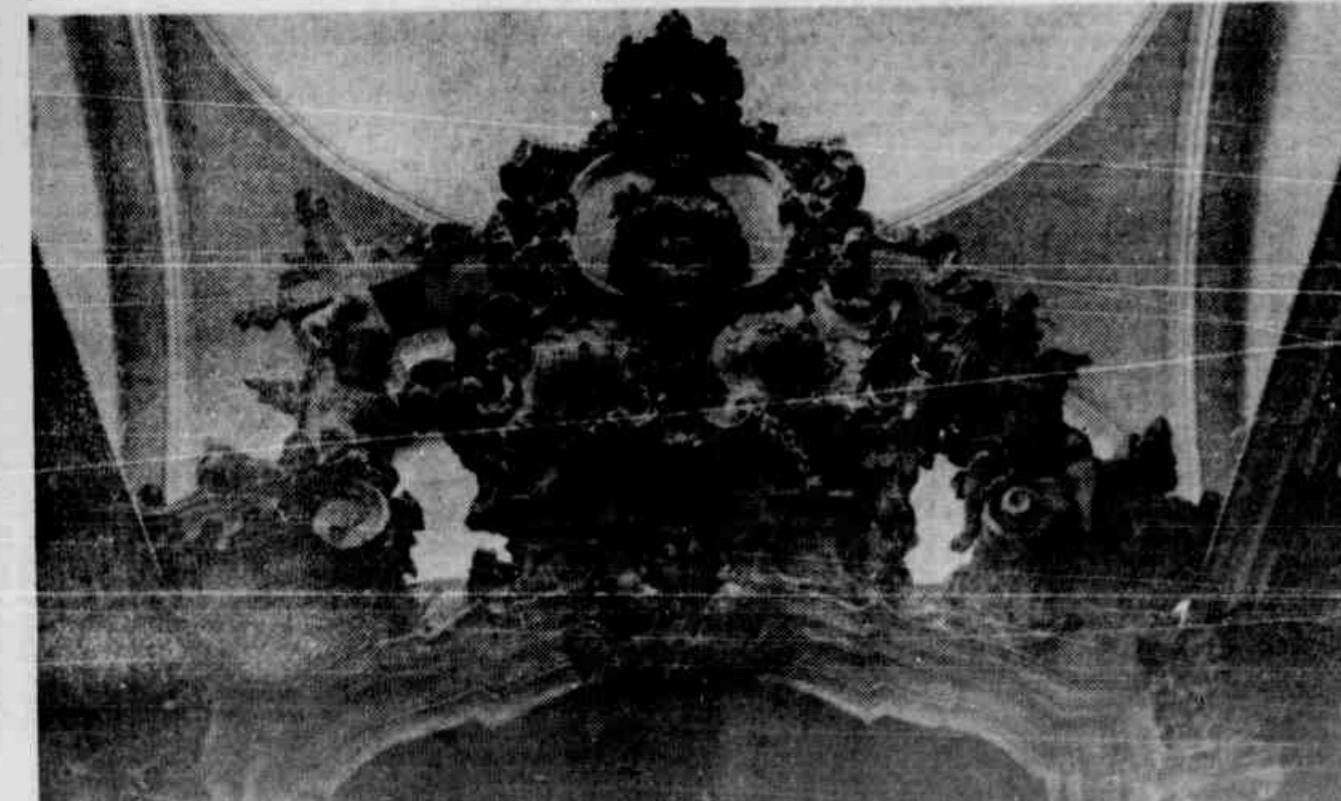
O MUSEU de Moldagem do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional destina-se inicialmente a abrigar um pequeno número de grandes moldagens — portadas de igrejas barrocas de Minas Gerais e de casas nobres baianas. Além desses elementos de grandes dimensões, o Museu abrigará outros menores mas também de muito interesse plástico, lavabos, chafarizes, detalhes expressivos de certos conjuntos arquitetônicos e esculturas típicas das diversas fases da nossa história.

Situado na área não ajardinada da Quinta da Boa Vista, esse Museu constituirá uma seção especializada do Museu Nacional e por isso pouco oneroso aos cofres públicos.

Os elementos muito simples de sua construção permitem um acréscimo sucessivo de suas unidades moduladas.

Além das grandes áreas cobertas, abrigando as diversas moldagens, há uma zona vidrada que se destina a esculturas originais — em materiais resistentes — que poderão ser vistas individualmente, separadas apenas pela vegetação local.

Uma filoteca completará esse Museu, permitindo ao visitante a visão geral do monumento do qual ele contempla um detalhe.



para todos